

VEICULO O LIBERAL

258

DATA 23 de março de 1974

PÁGINA 04 (Comuntura Economia)

Índios venderam a madeira que sumiu

O diretor do Instituto de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Paulo Benincá, que esteve em Belém participando de um workshop sobre reposição florestal, confirmou ontem a denúncia de que cerca de 11 mil metros cúbicos de mogno, apreendidos em agosto de 1993 pelo Ibama, desapareceram da reserva caiapó, às margens do rio Xingu. A quantidade de madeira é suficiente para carregar 350 caminhões. A madeira foi apreendida pelo Ibama porque as madeireiras Ferreira e C&C haviam explorado ilegalmente reservas dos caiapó.

O Ibama recebeu denúncia dando conta de que a madeira havia sido vendida pelos caiapó para madeireiros de Altamira e São Félix do Xingu. Benincá garante que a madeira não estava sob a responsabilidade do Ibama, "mas da Fundação Nacional do Índio, porque estava em área indígena". O Ibama, disse ele, não tem o poder de ser o apreendedor da madeira e também o seu fiel depositário. A responsabilidade oficial, segundo ele, é da Funai: "Se forem deslançados os processos judiciais que se previam dentro do Ibama, de se fazer a alienação dessa madeira, ela retornaria os recursos arrecadados aos cofres da Funai ou àquela área indígena. Portanto, a Funai é quem deveria ter o interesse maior na salvaguarda daquela madeira", argumenta.

O advogado da Funai, Dag-

berto Nogueira da Silva, negou que a Fundação seja responsável pela madeira, pelo fato de não ser a sua fiel depositária. "Se essa madeira foi apreendida pelo Ibama, a responsabilidade por ela é do Ibama. Não é pelo simples fato de a madeira se encontrar dentro de uma reserva indígena, por não poder ter sido retirada daquela região, que está sob a responsabilidade da Funai, mesmo porque a Ferreira Madeiras recusou ser a sua fiel depositária", rebate.

Dagberto informou que esteve na semana passada com o procurador regional da República, dr. Potiguar, junto com o procurador do Ibama, Vicente Gomes da Silva, e a procuradora do Ibama em Belém, dr. Neide, para comunicá-lo do fato. Após a reunião, ficou decidido que uma missão conjunta do Ibama, Funai e Polícia Federal deverá ir até o local onde estava a madeira. "Somente depois disso será instalado inquérito policial para se chegar aos culpados. Se houve participação direta de servidores do Ibama ou da Funai, eles também serão responsabilizados, assim como quem comprou essa madeira dos índios, sabendo que o objeto é ilícito. Por isso, vamos tentar resgatar essa madeira", disse o advogado.

Reflorestamento

Após dois dias de discussões sobre reposição florestal, visando à criação de uma política ambiental para a região amazônica, foi en-

cerrado ontem o workshop que a Associação das Indústrias Exportadoras de Madeiras do Estado do Pará (Aimex) promoveu na sede da Federação das Indústrias do Pará (Fiepa). Foram discutidas duas possíveis soluções para a questão amazônica: a manutenção do manejo sustentado e o manejo misto, ou seja, o manejo sustentado com reflorestamento. "Nós, empresários, queremos que o manejo continue e também que se abra o caminho para as empresas fazerem o reflorestamento. Tem também a questão do abastecimento de matéria-prima, que foi o assunto mais debatido durante o encontro", disse o presidente da Aimex, Danilo Remor.

Sobre o fundo de reposição florestal, que teria sido desviado pelo Ibama para outras finalidades, Remor disse que isso vem ocorrendo há muitos anos. "O próprio Ibama relatou isso. E nós estamos lutando há muito tempo para que esse dinheiro retorne para ser aplicado nos Estados de origem, para as finalidades específicas de pesquisa e reflorestamento". Remor acredita que o próprio Ibama é favorável à idéia de liberar esses recursos, mas acha que se deve primeiramente mecanizar esse processo, "porque todos os recursos arrecadados pela União vão para o Tesouro, para uma conta só. Por isso, tem-se que fazer essa separação. É essa parte burocrática que eles estão vendo".